

BASQUETE ADAPTADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA: EQUIPE RODA VIVA

MOTA, Rafael Santos¹
OLIVEIRA, João Danilo Batista²
SANTOS, Admilson³
SANTOS, Carla Rosas dos⁴

PALAVRAS-CHAVE: Basquetebol, Cadeira de Rodas, Esporte Adaptado

INTRODUÇÃO

O projeto Basquete Adaptado da Universidade Estadual de Feira de Santana: Equipe Roda Viva é um projeto de extensão universitária, com ênfase na inclusão social, que visa aprofundar ações políticas que venham fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana. O projeto pretende dotar a UEFS de melhores condições de gestão de suas atividades acadêmicas de extensão, para os fins prioritários de basquetebol em cadeira de rodas; promover ações processuais contínuas, de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico, que visem a ampliação e consolidação da equipe de basquetebol em cadeira de rodas da UEFS; Levar a equipe a participar de campeonatos estaduais, regionais e brasileiro de Basquete em cadeira de Rodas

Na única universidade pública com campus em Feira de Santana, onde existem alguns docentes com trabalho voltado ao esporte adaptado lotados no Departamento de Saúde (professores do curso de Educação Física e membros do Nefea - Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado). Como fruto desse trabalho, foram adquiridas 12 cadeiras de rodas para a prática do basquetebol em cadeira de rodas. Alguns trabalhos de conclusão de curso têm utilizado o basquetebol adaptado como tema, como é o caso da monografia de conclusão de curso intitulada “basquetebol em cadeira de rodas”, desenvolvida por um discente do curso de Educação Física. Para isso a Universidade liberou as cadeiras de rodas, bolas e uma grade de horários (dois dias, três horas por dia) em uma quadra no parque esportivo do campus. Os participantes são membros da comunidade geral (cerca de 30 pessoas, com boa rotatividade). As atividades objetivavam, em seu início, mais o condicionamento e a socialização. Esse

1 Especialista em Educação Física Esporte e Lazer Escolar, professor da Faculdade Maria Milza – FAMAM e integrante do grupo HCEL da UFBA e do Núcleo de Educação Física Adaptada NEFEA. rafamota87@gmail.com;

2 Doutor em Educação, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e da Faculdade Social da Bahia – FSBA, coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – UEFS e integrante do Núcleo de Educação Física Adaptada – NEFEA/UEFS. jdanilobo@yahoo.com.br;

3 Pós Doutor em Educação, integrante do grupo HCEL/UFBA professor da Universidade Federal da Bahia – UFBA e da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, coordenador do Núcleo de Educação Física Adaptada – NEFEA/UEFS. admil@ufba.br;

4 Especialista em Educação Especial e Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, professora do Instituto Federal da Bahia – IFBA de Santo Amaro e integrante do Núcleo de Educação Física Adaptada – NEFEA/UEFS. rosas2881@yahoo.com.br.



grupo foi convidado a participar de uma Olimpíada Municipal intitulada “Olimpíada da Diversidade” no ano de 2009, promovida pela Administração Municipal de Feira de Santana. Assim, esse grupo, constituindo-se como time de basquetebol em cadeira de rodas da UEFS e realizou sua primeira partida em 25 de abril de 2009, numa partida de jogo de BCR contra outra equipe da mesma categoria da cidade de Salvador.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Há pouco mais de cinquenta anos teve início, não apenas a história do basquetebol em cadeira de rodas (BCR), mas as práticas esportivas que envolvem o uso de cadeira de rodas. O seu começo foi tímido e desenvolvido, inicialmente, em centros de reabilitação nos Estados Unidos e Reino Unido. Há dados históricos que apontam que estes países passaram a estimular a atividade esportiva como prática complementar ao processo de reabilitação dos indivíduos com traumas provocados pelos confrontos nos campos de batalha durante a II Guerra Mundial. Porém, esta prática logo ganhou notoriedade, não apenas pela notável melhora física e psicológica que seus adeptos passaram a apresentar, mas também pelo envolvimento crescente de praticantes que apresentavam outros tipos de sequelas físicas como amputação, poliomielite, ou mesmo traumas medulares, não adquiridos na guerra.

O basquetebol em cadeira de rodas foi criado nos Estados Unidos pelos veteranos da II Guerra Mundial em 1945, no entanto não existe nenhum registro escrito que confirme esta data. O primeiro registro que se tem é de seis de dezembro de 1946, quando foi publicado um artigo em um jornal americano comentando sobre os acontecimentos em uma partida de BCR.

Durante este mesmo período, surgia na Inglaterra o BCR como prática esportiva terapêutica. O Dr. Guttmann, responsável pela direção do centro de lesados medulares no Hospital Stoke Mandeville, foi um defensor das práticas esportivas como atividade auxiliar no processo de reabilitação.

O BCR foi a primeira modalidade de esporte adaptado a ser praticada no Brasil. Em meados da década de 50, Sérgio Del Grande, paraplégico, voltou dos EUA para o Brasil, trazendo consigo uma cadeira de rodas especial para a prática do Basquetebol. Ele fundou o Clube dos Paraplégicos de São Paulo e procurou incentivar outras pessoas com deficiência a praticar a modalidade, através de exposições. Como sua cadeira havia sido fabricada nos Estados Unidos e não existia modelo parecido no Brasil, um fabricante procurou Sérgio para desenvolver aquele material aqui, utilizando de sua cadeira de rodas como protótipo. Em troca, Del Grande solicitou que o fabricante desse a ele 10 cadeiras de rodas, para que a primeira equipe fosse formada. E foi o que aconteceu.

A partir daí, o BCR no Brasil passou a evoluir cada vez mais. Em 1959, a equipe do Clube dos Paraplégicos de São Paulo viajou para a Argentina para disputar duas partidas contra a seleção daquele país. Venceram os dois jogos, um realizado em Buenos Aires e outro em Mar Del Plata. De lá pra cá, o BCR no Brasil se fortalece cada vez mais, tornando-se uma das maiores potências no mundo.

A independência do basquetebol com a criação da CBBC trouxe ao esporte desenvolvimento técnico, tático e tecnológico, através do aprimoramento constante das cadeiras de rodas para sua prática. O Brasil passou a ser respeitado em todo o mundo. Foram realizadas aqui competições internacionais do porte do Mundial Junior, em 2002, e houve participação da equipe brasileira nos Jogos Paraolímpicos em Pequim realizados no ano de 2008.

Um dos objetivos da Educação Física Adaptada é oferecer atendimento especializado aos portadores de necessidades especiais, respeitando-se as diferenças individuais, visando a



proporcionar o desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento das suas potencialidades, como também sua integração na sociedade.

A Educação Física Adaptada, Educação Física para Pessoas com Deficiência ou ainda Educação Especial, caracteriza-se por adequar metodologicamente um conjunto de atividades ou tarefas que envolvam diferentes estímulos, adaptando as capacidades e limitações do indivíduo. Sua proposta não difere dos objetivos da educação física regular, ela visa a ampliar as possibilidades de aplicação da educação física por meio de metodologias que respeitem a diversidade do grupo, as características e as necessidades dos portadores de deficiência.

MEODOLOGIA

São realizadas reuniões mensalmente para avaliação do andamento do projeto, solicitando dos profissionais com apresentação de relatório das atividades desenvolvidas. O desempenho dos alunos é analisado por uma ficha de acompanhamento que contém vários dados a respeito de sua evolução. As atividades semanais coletivas, três encontros semanais da comissão técnica com os atletas, e ocorrem no parque esportivo da Uefs nos finais de tarde (16:00 às 19:00h), às segundas, quartas e sextas. Semanalmente temos, quase sempre: a) dois encontros em quadra, com treinamento de fundamentos (locomção/equilíbrio na cadeira, velocidade, passe, drible e arremesso), treinamento tático e coletivo; b) uma sessão semanal de condicionamento físico/muscular no laboratório de condicionamento físico do parque esportivo da Uefs;

CONCLUSÃO

Ao término de cada semestre perceber, constatar e consolidar, além do estímulo à autonomia e à independência, e a prevenção de doenças secundárias, o BCR da UEFS pode resultar em benefícios no nível motor, nível cognitivo e nível afetivo dos portadores de necessidades especiais integrados ao projeto. Socializar as informações obtidas através de observações e pesquisas divulgando em periódicos, monografias, e apresentando em seminários e congressos, os resultados obtidos. Além disso, na equipe técnica, hoje, temos, 5 integrantes sendo 2 bolsistas, 1 voluntário da graduação, este tendo como tema do projeto de monografia o vôlei sentado e 2 egressos do curso, sendo que um dos egressos teve o BCR como tema de pesquisa de sua monografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDEF – Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos. Atividades físicas e esportivas para portadores de deficiência física. Niterói, 2000.
- BENTO, Jorge Olímpio. O outro lado do desporto. Porto, Campo das Letras, 1995.
- BOURDIER, P. Coisas ditas. Carta de Salamanca. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- GLATT, R. A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão. Rio de Janeiro, Sete Letras, 1995.
- RESENDE, Helder Guerra de; VOTRE, Sebastião Josué. Ensaio em Educação Física, Esporte e Lazer: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro, SBDEF, 1994.
- RIBAS, João B. Cintra. O que são pessoas deficientes. São Paulo, Brasiliense, 1883.
- SANTOS, Admilson. Representações de pessoas cegas sobre a organização espaço-temporal, tomando como referência seu próprio corpo. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UGF, 1996.